

Uma experiência de construção de professor coletivo em EaD

Juiz de Fora – 15 de maio de 2009

Márcio Silveira Lemgruber

Universidade Federal de Juiz de Fora- mslemgruber@gmail.com

Erica Alves Barbosa

Universidade Federal de Juiz de Fora- erica@acessa.com

Categoria: Métodos e Tecnologias

Setor educacional: Educação Universitária

Natureza do trabalho: Descrição de projeto em andamento

Classe: Experiência Inovadora

Resumo

Para além de visões maniqueístas, discutiremos a centralidade da concepção pedagogia na EAD, trazendo alguns pontos para discussão, tendo como foco a proposta de construção coletiva da mediação docente exercida por professores e tutores no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB). Para tanto, selecionamos algumas intervenções retiradas do ambiente virtual de aprendizagem da UAB/UFJF. Nossa concepção pedagógica está em sintonia com pesquisas de autores como, Tardif, Silva, Belloni e Lobo Neto.

Palavras chaves: Educação a distancia, UAB, Curso de Pedagogia, Tutoria

Se tivéssemos um saber absoluto, já não poderíamos continuar sabendo, pois que este seria um saber que não estaria sendo. Quem tudo soubesse já não poderia saber, pois não indagaria. (FREIRE, 1983, p. 47).

Introdução

Para alguns, a educação a distância, com as tecnologias de informação e comunicação (TICs), é a panacéia dos problemas educacionais. Outros apresentam grande resistência, vendo-a como forma educacional necessariamente inferior.

Para além dessas visões extremadas, discutiremos a centralidade da concepção pedagogia na EAD, trazendo alguns pontos para discussão, tendo como foco a proposta inovadora de construção coletiva da mediação docente exercida por professores e tutores no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), do Sistema Universidade Aberta do Brasil (UAB).

Os dados do *Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância* (ABRAEAD/2008) deixam claro que essa forma de educação veio para ficar e que a tendência é de um grande aumento nos próximos anos. Essa publicação, editada pelo Instituto Monitor (SP) com apoio da Associação Brasileira de Educação a Distância (ABED), contabilizou mais de dois milhões e meio de brasileiros (2.504.483) como alunos de cursos de EaD, em 2007. Para se ter uma idéia da dimensão dessa expansão, basta dizer que ela significou um aumento de 213,8% em relação a 2004.

Outro ponto a ser considerado é a implantação pelo governo federal da Universidade Aberta do Brasil (UAB). A Secretaria de Educação a Distância do MEC tem a expectativa de formação ou capacitação de mais de um milhão de professores para a educação básica.

Pode-se dizer que o marco legal dessa expansão foi o artigo 80 da LDB (Lei 9.394 de 1996), cujo *caput* dispõe que “o Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada”. As intenções

gerais da LDB quanto à EaD estão regulamentadas pelo Decreto no. 5.622/2005.

Concepções pedagógicas na Educação a Distância

Alguns consideram que educação a distância, por sua natureza, é sinônimo de educação massificada, de qualidade inferior. Efetivamente, tal característica foi marcante nas origens da EaD. Muitas dessas práticas foram de cunho tecnicista, enfatizando o material pedagógico (pacotes instrucionais) em detrimento da mediação pedagógica exercida pelo professor. A falta da presença física do professor condenaria, portanto, a educação a distância a um estilo frio, impessoal, mais próprio de pedagogias “bancárias”.

No extremo oposto, percebemos um deslumbramento daqueles que estão firmemente convencidos de que a EaD inaugurou a dialogicidade na relação educacional. Parecem acreditar que antes dos ambientes virtuais de aprendizagem, tudo o que havia era um professor presencial que se limitava a ditar a matéria para os alunos decorarem. Agora, com as novas tecnologias de informação e comunicação, estaria ocorrendo uma revolução copernicana na educação.

É interessante notar que essa mesma analogia já fora usada pelo filósofo e educador norte-americano John Dewey, para acentuar o novo lugar do aluno no processo de aprendizagem proposto pelo escolanovismo. Também há aproximadamente um século, Freinet, na França, usava a tecnologia subvertendo o tradicionalismo com a utilização da imprensa na sala de aula com crianças como suporte para uma concepção de educação como autoria. Podemos lembrar nossos escolanovistas Anísio Teixeira e Roquete Pinto, entre outros, que defenderam o uso da tecnologia subordinada a um projeto de educação. Ou, ainda, Paulo Freire que, mesmo na penúria de situações materialmente bastante adversas, sempre extraiu nelas a riqueza da construção coletiva do conhecimento, valorizando e problematizando os saberes dos educandos.

Com isso, queremos acentuar que não há dicotomia radical entre presencial e a distância, enquanto concepções antagônicas de educação. Afora o reducionismo que uma opção reduzida à lógica binária comporta, colocar-se

a questão se, por sua natureza, a EaD seria bancária ou dialógica, pressupõe que o meio vá determinar a relação pedagógica. É curioso notar que as posturas extremas de rejeição automática ou adesão acrítica se aproximam, ao conferirem aos recursos tecnológicos o poder de conformar a mediação docente.

Ao se tomar o aluno como um ser vazio (no sentido etimológico: *alumno* – o sem luz), descontextualizado, reduz-se a relação pedagógica a um preenchimento, que Paulo Freire criticou através da metáfora *bancária*. Ou seja, o professor faz uma série de *depósitos*, efetuando depois o *saque*, por meio das provas. A metáfora *bancária* de Paulo Freire poderia ser atualizada como *caixas eletrônicos*, adequando-a aos avanços da informática. Apesar de que muitos projetos ainda guardam esse perfil, entendo que conceituar em bloco as práticas de EaD como tecnicismo pedagógico é, como já se disse, “errar de século”.

Aliás, o suporte *material impresso* (ainda hoje, o mais utilizado em EaD, no Brasil) pode comportar tratamentos diversos. Ele pode veicular propostas pedagógicas menos ou mais participativas, desde pacotes instrucionais fechados, a textos que provocam a reflexão, com tutores exercendo propriamente funções docentes, incentivando o estudante a escrever sua contra-palavra.

A discussão central diz respeito, portanto, à educação. As grandes questões da EaD são muito próximas das questões gerais da educação. Há uma imensa tarefa de regulamentar uma forma nova, tão dinâmica, desafio que tem paralelo com a luta por estabelecer critérios de qualidade também no presencial.

Crítérios de qualidade para a EaD e a questão da docência

Em 1998, o Decreto 2.494 afirmava que a falta de atendimento aos padrões de qualidade seria motivo de sanções às instituições de ensino. Tais “padrões de qualidade” seriam definidos em ato próprio de Ministro. A função de estabelecer critérios de qualidade para a EaD foi cumprida, em 2003, pelo documento *Referenciais de Qualidade para Cursos a Distância*, de Carmen Moreira de Castro Neves, diretora de Política de Educação a Distância do

MEC. Ele serviu de base para nova formulação, os *Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância*, apresentados pela SEED/MEC, em agosto de 2007. Esse documento é de grande importância, pois, embora não tenha força de lei, constitui-se em “um referencial norteador para subsidiar atos legais do poder público no que se refere aos processos específicos de regulação, supervisão e avaliação da modalidade citada”. (SANCHEZ, ABRAEAD, 2008, p. 156)

Dentre os tópicos elencados nos *Referenciais de Qualidade*, destacamos a importância do aprofundamento da discussão no sentido de se avançar no estabelecimento de critérios de qualidade referentes à função docente nos cursos de educação a distância. Diversas dúvidas se colocam, desde a própria existência de professores até, principalmente, a identidade docente do tutor.

Inicialmente, é preciso deixar claro que EaD não prescinde de professor, como se sua mediação pedagógica pudesse ser exercida por técnicos especialistas em informática. Ao contrário, a função docente se alarga. Segundo Belloni (2006, p. 84),

Consideradas do ponto de vista da organização institucional, podemos agrupar as funções docentes em três grandes grupos: o primeiro é responsável pela concepção e realização dos cursos e materiais; o segundo assegura o planejamento e organização da distribuição de materiais e da administração acadêmica (matrícula, avaliação); e o terceiro responsabiliza-se pelo acompanhamento do estudante durante o processo de aprendizagem (tutoria, aconselhamento e avaliação).

O problema é que, como aponta a autora citada, o maior investimento tem se dado nas funções do primeiro e do segundo grupos. Somente a partir da última década, as instituições que adotam uma perspectiva de aprendizagem aberta têm apresentado um maior investimento em atividades de tutoria.

A construção do Professor Coletivo no Curso de Pedagogia da UAB/UFJF

Miranda e Barbosa (2009) destacam que, embora estejamos todos lidando com a construção de uma experiência nova de formação de professores, a trajetória trilhada pela Faculdade de Educação da UFJF, no

sentido de viabilizar um curso de Pedagogia a distância, tanto no Projeto VEREDAS (Curso Normal Superior a Distância), quanto na Universidade Aberta do Brasil, serviu para que compuséssemos reflexões acerca da dinâmica envolvida na ação desse *professor coletivo* que se inventa no universo da educação a distância.

Corroborando com os *Referenciais de Qualidade para a Educação Superior a Distância*, o corpo de tutores desempenha um papel fundamental no processo educacional. O tutor é compreendido como um dos sujeitos que participam ativamente da prática pedagógica. Sintonizamos com Tardif (2007) que em seus estudos considera os professores como sujeitos que possuem, utilizam e produzem saberes específicos ao seu ofício, ao seu trabalho: os saberes de experiência. Segundo o autor, tais saberes estão enraizados no fato do ensino se desenvolver num contexto de múltiplas interações que representam condicionantes diversos para a atuação do professor. Segundo Tardif (2007 p.49,50):

O docente raramente atua sozinho. Ele se encontra em interação com outras pessoas, a começar pelos alunos. A atividade docente não é exercida sobre um objeto, sobre um fenômeno a ser conhecido ou uma obra a ser produzida. Ela é realizada concretamente numa rede de interações com outras pessoas, num contexto onde o elemento humano é determinante e dominante e onde estão presentes símbolos, valores, sentimentos, atitudes, que são passíveis de interpretação e decisão, interpretação e decisão que possuem, geralmente, um caráter de urgência. Essas interações são mediadas por diversos canais: discurso, comportamentos, maneiras de ser, etc. Elas exigem, portanto, dos professores, não só um saber sobre o objeto de conhecimento nem um saber sobre uma prática e destinado principalmente a objetivá-la, mas a capacidade de se comportarem como sujeitos, como atores e de serem pessoas em interação com pessoas.

A constituição de uma rede que se compôs no interior da própria formação, envolvendo a articulação entre tutores e professores, gerou um movimento, por vezes, bastante original, no sentido da construção de alternativas para se abordar didaticamente um determinado assunto.

Que alternativas foram estas? Que inovações podemos destacar deste trabalho que prima pela participação colaborativa?

É justamente em como esta colaboração se dá no virtual que destacaremos aqui. Para tanto, selecionamos algumas intervenções retiradas

do ambiente virtual de aprendizagem (Moodle) de fóruns do Espaço de Tutoria de algumas disciplinas da UAB, escolhido por constituir-se um local do ciberespaço privilegiado de interação, debate e construção de conhecimentos.

A cada novo semestre, são criados espaços destinados aos tutores a distancia e seu professor para tratarem do andamento das disciplinas e de outras questões pertinentes ao processo de ensino aprendizagem dos alunos. A postagem abaixo foi retirada de um fórum que tinha como questão o debate sobre os encaminhamentos para a semana inicial do curso:

tenho achado particularmente bacana o fato de que, até aqui, as sugestões emergentes vão exatamente pela via da sensibilidade e da constituição de um elo com a subjetividade de quem, ao rememorar, encontra seus próprios sentidos na experiência da narrativa de um outro... Isso é, exatamente, o que me parece ter o potencial de fazer diferença nessa disciplina. O grande desafio agora é botar o bloco na rua, ao mesmo tempo, dominando as ferramentas de potencialização da aprendizagem e articulando uma atitude dialógica e envolvente nos ambientes de aprendizagem dos diversos pólos. Penso que amanhã, com o treinamento, compartilhar esses encaminhamentos diferentes pode ser muito importante para o grupo se pensar enquanto um coletivo que tem suas diferenças e idiossincrasias mas que pode caminhar junto. Infelizmente terei que ir ao encontro com os coordenadores de pólo, pois eu preferiria estar com vocês nesse diálogo. Mas acho que será muito importante esse compartilhamento de experiências no encaminhamento do *moodle* até aqui, não para que todos sejam iguais, mas para que as diferenças elucidem possibilidades. (Professora da Disciplina X, 2008)

A frase postada pela professora ilustra a dinâmica do trabalho dos professores e tutores da UAB. Transpondo a afirmação de Silva (2003) no que se refere à relação professor-aluno para professor-tutor, compreendemos que neste espaço o professor *online* constrói uma rede e não uma rota. O professor não se posiciona como o detentor do monopólio do saber, mas como aquele que dispõe teias, cria possibilidades de envolvimento, oferece ocasião de agenciamentos e estimula a intervenção dos tutores como co-autores do processo de ensino- aprendizagem.

Reconhecemos nas interações entre tutores e professores a concepção de participação colaborativa trazida por Silva (2003:56), “participar não é apenas responder “sim ou “não”, prestar contas ou escolher uma opção dada, significa intervenção na mensagem como co-criação da emissão e da recepção.”

Okada (2003) destaca que, embora uma das grandes vantagens em ambientes virtuais de aprendizagem seja a comunicação a qualquer hora e qualquer lugar, muitos participantes com vivência em EAD têm demonstrado que o “preço” de tal flexibilidade significa interações intensivas, um grande fluxo de informações e um grande investimento de tempo. Na postagem de um professor, no mesmo fórum destacado anteriormente, percebemos esta questão:

“Caramba! Quanta coisa aconteceu hoje, que pique! É inevitável fazer uma comparação com o nosso trabalho presencial, onde, infelizmente, o ritmo da discussão pedagógica/acadêmica anda tão devagar. E ainda dizem que EaD é tão somente uma estratégia perversa do neoliberalismo. Enfim...Confesso que estou meio assustado em dar conta de tanta demanda, (...) Mas isso é bobagem, o importante é o entusiasmo com que começamos o trabalho. Open University, tremei, pois a UAB chegou.” (Professor Y, 2008)

Mesmo reconhecendo a limitação no que se refere ao tempo o professor encoraja a interação optando pela co-autoria. O resultado é a descentração da posição do professor enquanto o único detentor do saber, da verdade e das ações possíveis a serem desencadeadas enquanto estratégias didáticas.

É também por parte dos tutores esta percepção da intensidade da trocas:

Oi pessoal, achei super interessante a idéia de finalizarmos os fóruns com o áudio. É incrível como em conjunto temos ideias mirabolantes. Aproveito para dizer que a tutora que sou atualmente se deve ao fato de trocarmos tanta figurinha aqui. Me sinto segura em compartilhar não só angústias como também minhas vitórias... acho que este é o grande motivo do sucesso em nosso projeto. Obrigada gente!!! (Tutora E, 2008)

Podemos perceber na fala desta tutora que a ação coletiva do grupo permitiu mais do que troca de ideias e informações, possibilitou a tessitura em conjunto. A interatividade, favorecida pelo ambiente virtual de aprendizagem, foi entendida como participação colaborativa e dialógica, além de conexões de teias abertas como elos que traçam a trama das relações e a formação do profissional tutor.

Como bem aponta Francisco José da Silveira Lobo Neto (2006, p. 414), o desafio que se nos apresenta é o de fazer uma educação *aberta* como síntese que supere a polarização presencial e a distância.

O que vem se manifestando em horizontes cada vez mais próximos é: uma educação aberta, porque exigência de um processo contínuo ao longo de toda a vida; uma educação plural, porque exigência da crescente complexidade da vida humana em suas dimensões social e individual; uma educação dialógica, porque exigência da necessidade de negociar decisões coletivas nas situações, cada vez mais freqüentes, de incerteza e de urgência.

E hoje, e mais ainda amanhã – com o aperfeiçoamento dos suportes de processamento da informação e dos meios de ampliação fidedigna da comunicação em graus cada vez maiores de interação mediada -, o conceito de presencial se modifica e já nos desafia no acolhimento crescente do virtual como realização de presença.

Esperamos que o esforço que empreendemos de uma mediação pedagógica coletiva aqui relatado venha a somar no sentido da construção de uma proposta dialógica, contribuindo assim, para a melhoria da educação brasileira.

Referências bibliográficas

- BELLONI, Maria Luisa. *Educação a Distância*. Campinas, Autores Associados, 2006.
- BRASIL. Lei no. 9.394, de 20 dez. 1996. *Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1996.
- _____. Decreto no. 5.622 de 19/12/2005. *Diário Oficial da União*, 20/12/2005.
- FREIRE, Paulo. *Extensão ou comunicação?* São Paulo: Paz e Terra, 1983.
- LOBO NETO, Francisco José da Silveira. *Regulamentação da Educação a Distância: caminhos e descaminhos*. In Silva, Marco (org.). *Educação online*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- MIRANDA, Sônia Regina e BARBOSA, Erica Alves. *Para uma ação-reflexão necessárias do tutor a distância num curso EAD*. Juiz de Fora, UFJF, 2009.
- MORAN, José Manuel. Contribuições para uma pedagogia da educação online. In Silva, Marco (org.). *Educação online*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- NEVES, Carmen Moreira de Castro. *Referencias de Qualidade para Cursos a Distância*. Brasília, 2003. Disponível em <http://www.portal.mec.gov.br/sesu/arquivos/pdf/ReferenciaisQualidadeEAD.pdf> Acesso em: 03 out. 2007.
- OKADA, Alexandra Lilavati Pereira. Desafio para EAD: como fazer emergir a colaboração e a cooperação em ambientes virtuais de aprendizagem? In Silva, Marco (org.). *Educação online*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

SANCHEZ, Fábio. (coord.) *Anuário Brasileiro Estatístico de Educação Aberta e a Distância (ABRAEAD/2008)*. São Paulo: Instituto Cultural e Editorial Monitor, 2008.

SILVA, Marco. *Criar e professorar um curso online: relato de experiência*. In Silva, Marco (org.). *Educação online*. São Paulo: Edições Loyola, 2006.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.